

**As subordinadas** que também se denominam clausulas, dividem-se em tres classes : subordinadas *substantivas*, subordinadas *adjectivas*, subordinadas *adverbiaes*.

I. **Clausulas substantiva** é a que tem funcção equivalente á de um substantivo. Exemplos:

Notou *que estava pallido*  
(Notou a sua pallidez)  
Assegurou *que eu viria*  
(Assegurou a minha vinda)  
*Quando eu vá* é cousa incerta  
(O tempo da minha ida é cousa incerta).

II. **Clausula adjectiva** é a que tem a funcção de um adjectivo, isto é, modifica o substantivo.

Vi o livro *que tu escreveste*.  
(escripto por ti)

Os dedos *que são cinco* são os orgãos mais delicados do tacto.

Palavras *que elle pronuncia* são sempre agradaveis.

III. **Clausula adverbiaes** são as que representam uma relação equivalente á do adverbio. Exemplos:

Ficou *onde o deixaram*.  
Sahirei *quando todos sahirem*.

As *clausulas* podem exprimir circumstancias diversas, as mesmas que constituem as classes de adverbios.

- a) de tempo — Nunca mais recobrou a saúde *depois que teve a febre amarella*.  
— Chorei até *que se esgotaram as lagrimas*.

- b) de lugar — Seguil-o-hei *onde quer que vá.*  
— Conheci-o na *casa em que viveu nos ultimos tempos.*
- c) de gráo — E' mais instruido *do que parecia* (ser instruido).  
— A rosa e mais bella *do que a violeta* (é bella).  
— *Quanto mais leio* mais aprendo.
- d) de causa — Quero *porque posso.*  
— Adoro-o *porque é Deos.*
- e) fim — Trabalhou *tanto que enriqueceu*
- f) condição — *Se commetter o crime,* merece punição.
- g) modo — Praticou *conforme preceitúa a lei.*  
— Pensou *como devia.*

### 3. PROPOSIÇÕES COMPOSTAS

◀ **Proposição composta** é a que se compõe de varias proposições que têm a mesma função na phrase.

As *proposições*, neste caso, chamam-se *coordenadas* e ligam-se entre si pela simples successão ou por conjuncções chamadas de *coordenação*.

As conjuncções ordinariamente usadas na *coordenação* são :

A copulativa <i>e</i>	}	Deus creou o homem e creou o mundo.
A adversativa <i>mas</i>		Elle estuda, mas não aprende.
A disjunctiva <i>ou</i>		Venha ou mande.
A conclusiva <i>logo</i>		Penso, logo existo.

As proposições coordenadas que não possuem termos de ligação chamam-se *collateraes* ou coordenadas por *juxta-posição*. Exemplo:

Chegou, viu, venceu.  
Amo a virtude. Detesto o vicio.

Usa-se tambem a denominação de *asyndeticas* para as coordenadas juxtapostas e *syndeticas* para as coordenadas que possuem connectivos.

---

#### 4. PROPOSIÇÕES CONTRACTAS

Tanto as subordinadas como as coordenadas podem ter em commum o mesmo objecto, o mesmo predicado ou sujeito, etc. São chamadas nesse caso *proposições contractas*. Exemplos :

*Os francezes e os russos são brancos.*

- } Os francezes são brancos.
- } Os russos são brancos.

*O livro que imaginaste e escreveste.*

- } O livro que imaginaste.
  - } O livro que escreveste.
- 

#### 5. PROPOSIÇÕES ELLIPTICAS

As proposições *ellipticas* são as que deixam subentender-se uma parte da phrase que não é identicamente a mesma já expressa.

*Elle é mais sabio que eu.*

- } *Elle é mais sabio.*
- } *Que eu sou sabio.*

Como se vê a parte *eu sou sabio* subentendida é diferente da parte *é sabio* expressa.

---

NOTA

Convém observar que não são *proposições contractas* as proposições irreductíveis á analyse. Ha casos em que, por exemplo, a predicação só é applicavel ao sujeito composto: *Pedro e Paulo são irmãos*. Esta proposição não é contracta por isso que é indivisivel. Não se poderia decompol-a nas duas: *Pedro é irmão. Paulo é irmão*.

SCHEMA GERAL DAS PROPOSIÇÕES

- |                       |   |   |
|-----------------------|---|---|
| I. Proposição simples | { | <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Sujeito: PEDRO ama.</li> <li>2. Predicado: Pedro AMA.</li> <li>3. Objecto: Pedro ama o ESTUDO.</li> <li>4. Adjuncto: Pedro ama o estudo COM ARDOR.</li> </ol> |
|-----------------------|---|---|

**Nota.** O sujeito pôde ser *simples*, *composto*, *complexo*. O predicado pôde ser *simples* ou *complexo*. O objecto pôde ser *simples*, *composto*, *complexo*. Os adjunctos podem ser *attributivos* ou *adverbiaes*.

- |  |   |   |
|--|---|---|
| II. Proposição complexa.<br>(subordinadas) | { | <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Principal: O HOMEM que viste NOTOU que estavas tremulo quando escrevias.</li> <li>2. Subordinadas (clausulas):             <ol style="list-style-type: none"> <li>a) Substantiva: <i>que estavas tremulo.</i></li> <li>b) Adjectiva: <i>que viste.</i></li> <li>c) Adverbial: <i>quando escrevias:</i></li> </ol> </li> </ol> |
| III. Proposição composta<br>(coordenadas)  | { | <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Syndetica: Chegou e falou.<br/>(conjugada)</li> <li>2. Asyndetica: Chegou, falou.<br/>(collateral ou juxtaposta).</li> </ol>  |

**Nota final.** Na elaboração dos capitulos que se referem á analyse das proposições, servi-me da *English Gramm.* de Mason e do excellento trabalho do Prof. A. Alexander—*Analyse de relações*. Em alguns lugares, copiei-os textualmente.

## LIÇÃO XXXII

### Regras de syntaxe relativas a cada um dos termos da proposição

Os elementos essenciaes da proposição, como já vimos, são o sujeito e o predicado.

Os elementos accessorios são os complementos. As relações de concordancia dos termos capitaes da proposição são de duas especies: Relações do sujeito com o verbo. Relações do completivo ou attributo com o sujeito.

#### I.—RELAÇÕES DO SUJEITO COM O VERBO

Regra geral. O *verbo* concorda em *numero* e *pessoa* com o sujeito :

As casas *são* altas.

Os Espartanos *respeitavam* a velhice.

Eu *amo* a virtude.

Nota-se nestes exemplos que a *pessoa* e o *numero* do sujeito são exactamente a *pessoa* e o *numero* do verbo.

Esta regra é, todavia, susceptivel de algumas modificações.

**Sujeito colectivo.**—Quando o colectivo é seguido de *um determinativo do plural*, o verbo fica no singular se o colectivo é geral e póde ir para o plural se o colectivo é partitivo :

O exército dos Persas invadiu a Grecia.

A maioria dos gregos pediam a paz.

A maior parte dos homens morrem antes dos vinte annos.

Ha casos especiaes em que esta regra soffre a violação do uso. Quando a acção do verbo só póde ser attribuida á collecção e não separadamente aos individuos, o verbo necessariamente concorda com o colectivo: Um trôço de soldados *enchia* o primeiro pavimento do edificio. E' claro que a acção de encher um pavimento não podia ser attribuida individualmente a cada soldado.

**Sujeitos unidos por e.** — Quando concorrem muitos sujeitos unidos pela conjuncção *e* ou *sem* conjuncção, o verbo vai para o plural:

« A lua e o sol *são* astros »

« Marte, Venus, a Terra *são* planetas »

Cumpre notar que, quando os sujeitos são de pessoas differentes, o verbo no plural concorda com a pessoa que tem prioridade. A segunda pessoa tem prioridade sobre a terceira; e a primeira sobre todas as outras:

Eu e meu pai *estamos* doentes.

Tu e Tullia *estaes* bons.

Estas régras soffrem as seguintes modificações:

a) Quando os sujeitos representam a mesma cousa ou pessoa, o verbo fica no singular:

« A dôr, o pezar *envelheceu-o.* »

« Seu filho e successor *subiu* ao throno um anno depois. »

b) Quando os sujeitos representam gradações de uma idéa, o verbo fica no singular:

« Uma palavra, um olhar, um gesto *basta* para denuncial-o. »

c) Quando a enumeração fica resumida por outra palavra :

As flores, as arvores, os rios, *tudo se illuminou* com os raios do sol.

**3. Sujeitos unidos por nem.**—Quando o verbo só se refere a um com exclusão de outro, fica no singular :

Nem eu, nem elle será nomeado. »

Quando o verbo se refere á totalidade dos sujeitos, vai para o plural :

« Nem Achilles, nem Ulysses estiveram em Lisboa. »  
« Nem elle nem eu temos esperança de nos vermos. »

**4. Sujeitos unidos por com.**—O verbo, em geral, concorda com o primeiro :

« Napoleão com os francezes venceu a Europa. »  
« O pai com os filhos sahiu a passeio. »

Não obstante, quando os sujeitos cooperam todos no mesmo gráo para o fim da acção, o verbo póde ir para o plural :

« O velho com o moço iam de mãos dadas. »  
« O tigre com o leão ganhavam dinheiro nas praças. »

## II.— RELAÇÕES DO SUJEITO COM O COMPLETIVO

**Attributo adjectivo.**—Quando o attributo é um adjectivo, varia em genero e numero para concordar com o sujeito :

*As rosas são bellas.*  
*O cravo é branco.*

Quando existem muitos sujeitos de *diversos generos* o attributo toma o plural e o genero masculino :

As casas e os palacios são *luxuosos*.

Note-se, todavia, que muitas vezes se empregam os pronomes *vós* e *nós* para designar uma pessoa unica. Neste caso, o attributo fica no singular :

Estamos *convencido*.  
Sois *generoso e bom*.

A primeira fórma : *Estamos convencido* é innegavelmente um gallicismo, mas não escasseiam exemplos em bons escriptores contemporaneos. Como a *fórmula* da 1ª pessoa do plural é usada pelas autoridades supremas, o gallicismo alludido não é de todo desprezível na applicação daquella fórmula.

**Attributo participio.**—O participio é variavel quando conjugado com o verbo *ser* :

As flôres são *orvalhadas* pelo relento.

E' invariavel quando conjugado com os verbos *ter* e *haver* :

Os classicos tinham *enriquecido* a lingua.

Esta divergencia explica-se ; porque o participio só é verdadeiro attributo quando vem com o verbo *ser* :

### III.— CÔMPLEMENTOS (1)

Os elementos secundarios são os complementos dos sujeitos ou dos verbos da proposição. São dispensaveis e nem sempre occorrem no periodo.

O sujeito-substantivo pôde ter duas sortes de complementos :  
APPOSITIVO e o DETERMINATIVO.

---

(1) Segundo o methodo de Delbœuf. Os complementos correspondem aos *adjunctos* já expostos segundo o methodo de Mason.



**Complemento appositivo.** (1)—Ha quando o substantivo é especificado por outro. Dos dous substantivos um indica o *genero* e outro a especie:

- O titulo *de barão*.
- O Imperio *do Brazil*.
- A cidade *do Rio*.
- O anno *de 1887*.
- O mez *de Setembro*.
- O nome *de amigo*.

Estes complementos são appositivos e podiam ter em vez de preposição a simples apposição dos nomes (2): o titulo-barão, a cidade-Rio, o nome amigo, etc.

Quando não existe a preposição, existe não já complemento mas simples apposição. *Montes Uraes, Cabo Nun, lago Lemán*.

Em João de Barros ha sempre a omissão da particula: Cidade Ormuz, cidade Goa, cidade Évora (II, II, 3; II, V, 1 III, I, 6).

**Complemento determinativo.**—E' o que exprime a determinação por outro nome designando objecto diferente: *A casa do governador. A força do vento. A dedicação á patria. O recuso contra a calumnia. O gosto pelas letras*.

Estes complementos não exprimem limitação de *genero* a *especie*, como os appositivos. Aqui o complemento indica objectos de significação diferente e que não se pôde incluir na primeira. Por isso não se poderia dizer: *Dedicação-patria*, como se diz *Cabo-Trafalgar*.

Em João de Barros notam-se apposições syntacticas, como na expressão *a Deus misericordia*: Partiram-se a Deus misericordia sem piloto (*Dec. II, I, 7*). Havendo dous dias que andaram na lingua das ondas a Deus misericordia, chegaram á terra (*III, IV, 5*).

---

Os verbos podem ter varios complementos: *directo, attributivo, indirecto, circumstantial*.

**Complemento directo** (3) é o nome do objecto indicado ou produzido pela acção do verbo:

---

(1) Adjuncto attributivo.

(2) A *apposição* é expressa sem preposição: *Socrates, mestre de Plão*.

(3) Objecto directo.

Escrevi *um livro*.  
Respeitemos *o uso*.

O complemento directo quando é um substantivo não vem regido de preposição ; excepto quanto aos nomes proprios :

Ama *a Deus*.  
Mandou *a Pedro*.

O complemento directo sendo infinitivo vem precedido de preposição com alguns verbos.

Com os verbos *começar*, *acabar*, *cessar*, o complemento directo tem a preposição *de* :

Começar *de* escrever.  
Acabar *de* escrever.  
Cessar *de* escrever.

Sendo infinitivo, o complemento directo traz a preposição *a* com os verbos *começar*, *principiar*, *aprender*, *ensinar*, etc.

Começou *a* dizer.  
Ensinou *a* falar.  
Principiou *a* lêr.

**Complemento attributivo.**— Ha alguns verbos que admittem além do complemento directo, outro complemento attributo desse ultimo :

Eu o nomeei *general*.  
A *Herodoto* chamam *o pai* da historia.  
A França declarou a *Alsacia* um *territorio neutro*.

**Complemento indirecto** (1).— Além do complemento directo ha o complemento indirecto, que indica a pessoa ou cousa em vista da qual a acção é feita.

Em geral, o complemento indirecto representa a amplificação exigida por um verbo de sentido incompleto :

Utilizou-se *do methodo*.  
Deu um livro *a João*.  
Accusou o réo *de roubo*.  
Admirou-se *do spectaculo*.  
Emprestei-*lhe* um livro.

---

(1) Objecto indirecto.

**Complemento circumstancial** (1) — E' o que indica  
uma circumstancia *de tempo, modo, lugar, etc.* (2)

Lugar	— Passeou <i>pela Italia.</i>
Tempo	— Ha chuyas <i>no verão.</i>
Companhia	— Sahiu <i>com outros.</i>
Causa	— Desmoronou <i>com a chuva.</i>
	etc.

---

(1) Adjunctos adverbiases.

(2) Vide a *Syntaxe das palavras invariaveis.*

---

## LIÇÃO XXXIII

### Regras de syntaxe relativas ao substantivo e ao adjectivo

A **syntaxe** dos substantivos não offerece difficuldades de construcção nem de subordinação.

**Ordem.**—Os substantivos em geral precedem os adjectivos : *Homem trabalhador.*

Póde ser invertida a ordem : *real merito ; merito real.*

E' mister considerar que não existe arbitrariedade'nessas inversões, de um modo absoluto. O uso já consagrou a collocação de certos epithetos que, deslocados, perderiam o significado proprio. Exemplos :

Santissimo Sacramento	— Sacramento Santissimo.
Altos céos	— Céos altos.
Santos padres	— Padres santos.
Amor proprio	— Proprio amor.
Bello homem	— Homem bello.
Todo o homem	— Homem todo.
Certa manhã	— Manhã certa.
Mão signal	— Signal máo.
Novos homens	— Homens novos.
Causa primeira	— Primeira causa.
Dias longos	— Longos dias.

Além destes casos que são numerosissimos, ha locuções em que o uso juxtapoz os vocabulos, de modo que é inadmissivel a inversão. Taes são v. gr. ; *Deus padre, estrella fixa, mão direita, deputado geral, codigo civil, illustrissimo senhor,* etc.

**Genero.** — A variação de generos dos substantivos produz frequentemente uma deslocação de sentido. O feminino ganha maior extensão na idéa :

Madeiro	—	madeira
Fôlho	—	folha.
Fructo	—	fructa.
Quadro	—	quadra.

Este facto explica-se naturalmente tomando a flexão *a* como um vestigio do plural, como já notamos em outro lugar.

Tambem é digno de nota que os generos no curso da lingua soffreram variações :

A palavra *mar* foi antigamente feminina e isto ainda se nota em *préia-mar* (*plena-mar*). Cf. o francez *la mer*.

O numero de variações historicas dos generos é bastante consideravel. *Theorema*, *planeta*, *problema*, etc. eram femininos. A palavra *linhagem* era masculina. Ainda hoje tem genero incerto: *scisma* *personagem*, *phenix*. Foram outr'ora masculinos: *linguagem*, *arvore*, *tribu*, *linhagem*. Foram femininos: *clima*, *mappa*, *diadema*, *fim*, *planeta* e muitos nomes gregos terminados em *a*. Sobre as variações do genero latino vide a Lição supplementar sobre flexão de genero, numero e caso.

**Numero.** — As variações de numero tambem denotam variação de sentido. Em regra, o plural ganha o valor da abstracção :

Honra	—	honras.
Côrte	—	côrtes.
Pó	—	pós.
Parte	—	partes.
Letra	—	letras.

**Concordancia do adjectivo.** — O adjectivo em geral concorda em genero e numero com o substantivo:

<i>Homens velhos.</i>
<i>Mulher sensata.</i>

Esta regra soffre diversas modificações, das quaes as mais notaveis são as seguintes :

a) Quando concorrem substantivos, o adjectivo concorda com o ultimo ; *A prudencia, a moderação sincera. Desejos e virtudes puras.*

Com os numeræes é permittida a falta de concordancia, quando se enumera : *O terceiro e o quinto imperadores.*

Não se trata aqui do caso em que o adjectivo é attributo.

**Concordancia dos compostos.** — Os adjectivos compostos tomam o plural em ambos os elementos componentes quando estes representam a funcção de adjectivos :

*Surdos-mudos,  
Capitães-tenentes, etc*

Quando um dos elementos tem funcção adverbial ou está atropiado, o plural só é indicado pelo ultimo :

*Sciencias physico-chimicas  
Linguas novo-latinas  
Crianças recém-nascidas  
Jornaes luso-brazileiros*

**Emprego dos numeræes.** — Os numeræes podem, como as outras palavras, ser empregados substantivamente : *O cinco de ouros.*

Os numeræes cardæes sempre precedem o nome : *vinte dias.* As excepções notam-se no estylo poetico e em alguns proverbios : em abril aguas *mil.*

**Os ordinaes** podem ser substituidos por *cardæes* em varios casos e especialmente em numeros altos : *pagina vinte-cinco ; capitulo quatorze ; seculo dezenove.*

Nos seculos XV e XIV o uso dos cardæes era frequentissimo e antecedia o substantivo, como se vê em Azurara : « No *doze* capitulo de Tobias... »

Nesse tempo não existiam os ordinaes eruditos: *undecimo*, *duodecimo*, etc.

Os numeræes coordenam-se por meio da copulativa e : *cento e vinte ; trinta e cinco*.

O numero *cento* possui a fórma contracta *cem*, que se emprega sómente quando vem só ou quando precede uma unidade superior : *mil*, *milhão*, etc., *cem mil* ; *cem milhões*. Nos outros casos emprega-se *cento* ; *cento e trinta*, etc.

Os numeræes de numero elevado soffrem varias vezes a translação do sentido e perdem a noção mathematica e pura que representam :

*Mil vezes obrigado.*

*Com mil e quatrocentas bombas !*

A expressão emphatica consagrada no latim do tempo de Plauto era *sexcenti*. Na idade média, nos romances occorre a fórmula *quingenti* (Diez.)

**Grãos.** — O portuguez admite a emphase de grão adaptando adverbios ás fórmulas do comparativo e do superlativo: *muito mais formoso*, *mui formosissimo*, *assaz formosissimo*, etc.

**O superlativo relativo** pede depois de si o emprego da preposição: *O mais valente DE todos*.

Os comparativos de superioridade e inferioridade pedem o emprego das locuções : *de que*, *do que*, *que*. *Mais bella QUE a rosa ; menos bella QUE a violeta*.

Note-se que comquanto *maior*, *menor*, *peior*, etc., exijam a conjuncção *que* (*maior que a serra*), os comparativos *superior*, *inferior*, *interior*, *exterior*, por esquecimento etymologico regeitam identica syntaxe : seria erro dizer: *superior que aquelle*, etc.

A boa syntaxe consiste em adoptar o caso sujeito depois do regimen : *mais rico que eu ; mais pobre do que tu*.

No emtanto é commum encontrar nos documentos antigos e algumas vezes (raras) nos livros classicos a syntaxe : *melhor que mim*, *mais rico que ti*. Este uso não deve ser imitado, ainda que seja analogo ao francez.

O comparativo de egualdade *tão* exige o emprego da subordinação pelo adverbio *como* ou *quanto*; *quam*: *Tão modesto, quam sincero. Tão rapido como o raio* (1)

Nos comparativos de superioridade e inferioridade, a syntaxe italiana exige o emprego de *de*: *più bella dei fiori*. O antigo portuguez tinha frequentes vezes syntaxe semelhante: *mais fremeosa de outras*. (2)

E ainda na lingua actual usamos, em expressões um pouco differentes, identica syntaxe: *mais de cincoenta leguas* (mais do que cincoenta leguas).

O uso de superlativo emphatico é classico e auctorizado. Barros diz: *muy antiquissimo*; os italianos dizem *più doctissimo*, e os latinos diziam *longé doctissimus*.

### I.—POSSESSIVOS

Os possessivos collocam-se ordinariamente antes do substantivo: *meu pai, vossa applicação*.

No antigo portuguez, seculos XII e XIII, existiam ás fórmãs *ma, ta, su* contractas de *mia, tua, seu, sua*. Estas só eram usadas depois; e as contractas, antes do substantivo:

*Ma senhor* (minha senhora).  
*Senhor mia*, etc.

Os possessivos *meu* e *nosso* empregam-se em estylo comico, para designar a pessoa de que se trata: *vestiu-se o nosso deão, e rapido partiu* (Diniz).

No periodo contemporaneo da lingua já se começa a dizer sem o artigo: *meu chapéu, meu livro*. A syntaxe antiga parece que sempre punha o artigo em evidencia, o que se nota nas phrases consagradas pela religião e pelo estylo official: *venha a nós o teu reino; a tua vontade; a minha real camara* etc.

---

(1) Os superlativos syntheticos podem ser usados como relativos, por latinismo: *a formosissima das mulheres*, etc. Este uso é raro; sendo, todavia, mais frequente com os superlativos *ultimo, minimo, infimo; a última das glorias; o minimo dos seres*.

(2) Porque ei medo que alguém dirá...  
Que vos amei sempre mays d'outra ren.



## II.—DEMONSTRATIVOS (1)

A funcção de *demonstrativo* é algumas vezes expressa pelo artigo *o* : *Os de Hespanha* (em fr. *Ceux d'Espagne*). *Os que admittem*.

## III.—RELATIVOS

**Que** resolve-se em *o qual*, *os quaes*, etc. quando o antecedente fica distante, e ha necessidade de clareza

O livro *que* leste.

O livro da Bibliotheca, *o qual* leste.

A razão é que o relativo *qual* serve desde os mais antigos tempos da lingua como recurso para distincção de uma cousa entre muitas: *Qual o membrudo e barbaço gigante* (Camões).

Tambem serve de nexo da comparação : *bravo qual um tigre*.

**Quem** com a preposição *sem* por euphonia resolve-se em *o qual* : *sem o qual não debes partir*.

No seculo XVI ha exemplos da syntaxe, *sem quem*, e Camões disse : *Esposo sem quem não quiz amor* (Lus. IV, 91).

**Qual**, tambem se emprega com a funcção de distributivo : *qual sahio, qual ficou*.

**Cujo** representa o genitivo logico de *que* e *quem* : *o homem cuja casa viste* etc.

No antigo portuguez até os tempos de renovação erudita empregava-se *cujo* como interrogativo : *Cujo é este livro?* E' um latinismo que desappareceu da lingua.

No seculo XVI ainda *cujo* usava-se como relativo: El-Rei de Ormuz *cujo* este lugar era (Dec. II, III, 2).

---

(1) Na syntaxe agrupamos para commodidade as funcções dos adjectivos e pronomes em relação aos relativos, (possessivos, adjectivos pronominaes).

**Que ? Qual ?** *quantos*, são interrogativos : *Que homens ? Que cousa ? Qual delles ?*

A expressão *o que é a vida?* como a anteposição do pronome *o*, é provavelmente um brazileirismo. O uso classico não admitte anteposição do *o*. Os bons escriptores contemporaneos confirmam tal uso : Mulher, *que me pedes tú ?* (Al. Herculano, *Archas*, VII). A mesma syntaxe é observada nas linguas romanas. (1)

#### IV.—DISTRIBUTIVOS E INDEFINITIVOS

• Representam funcções de indefinitivos os dizeres *peessoa alguma, não sei o que*, etc.

Este uso provém da tradição historica. No latim era frequente. o uso da locução substantiva *nescio quis* ou *nescio quid*.

A palavra *homem* (*homo* lat.) algumas vezes representa o equivalente de indefinito: *Não sei de homem que soffra... De memoria de homem*, etc.

Este uso é analogo ao de *peessoa*: *Não vi peessoa alguma*. Sabe-se que o *on* francez deriva de *homo* ; a fórma vernacula é *um* confundida com o partitivo *um* (*unus*). Os exemplos dos seculos XIII-XVI são abundantes: *Não póde hum estar que não censure* etc.

Na antiga lingua existia o indefinido *ren*, hoje archaico: *Non digades ren* (*Rem* =cousa).

---

(1) O illustrado e correcto escriptor Dr. Carlos de Laet, que sustenta a boa doutrina contra a do Dr. Trasgo Lopes, renniu um bom numero de exemplos que documentam a syntaxe do *que* interrogativo na lingua vernacula e em outras linguas romanas. V. *Microcosmo* de 26 de Março de 1888.

Entretanto, dá-se uso no gallego *o que* e *il che* no dialecto florentino, nas interrogações, segundo affirma D'Ovidio. (*Manual neo-lat*, II)

---

## LIÇÃO XXXIV

### Regras da syntaxe relativas ao pronome e ao artigo

**A syntaxe** do artigo e do pronome é talvez a parte mais importante da syntaxe vocabular ou lexica.

Da collocação do pronome pessoal obliquo trataremos na lição que será consagrada especialmente ao assumpto.

#### I.—PRONOMES

**Ordem.**—Quando concorrem dous pronomes antes do verbo, o pronome sujeito vae antes do outro : *Mandou que eu lhe entregasse o livro.*

Não era esta a syntaxe antiga. Nos seculos XIII e XIV, era uso da lingua collocar depois o pronome sujeito. Eis o que se lê na regra de S. Bento: *a qual cousa se a tu ouvires.* Hoje dir-se-hia *se tu a ouvires.*

Ainda esta syntaxe foi admittida pelos classicos, quando occorria o pronome *lhe* : « *Em vestir-se de lan que lhe elle desse.* » (F. Oriente—*Lus. transf.*)

**Duplicação.**—É um caso notavel de emphase a duplicação de idéas constituindo um *idiotismo* romanico : *Eu me parece que viverei pouco. Irmã, já não a tenho.*

Esta emphase explica-se pela intenção que tem a pessoa de accentuar a importancia de *Eu* e *irmã* uas phrases citadas. Estes factos tem sido considerados como *hebraismos* por alguns grammaticos.

—Outro emprego de duplicação se nota quando depois do possessivo *seu* occorre o complemento prono-

minal—*delles* : *Contemplavam os mares, as montanhas e notavam a sua formosura dellas.*

Esta syntaxe é classica e pura. Propriamente não ha pleonasmos. E' um recurso com que a lingua portugueza supprime a falta do pronome romantico *loro*, no francez *leur* : *leurs enfans*. Os seus filhos *delles*. No castelhano antigo existiu a fórma *lures*.

**Casos obliquos**—Entre os pessoaes, os accusativos têm a funcção de dativo e accusativo :

*Dat.* — Elle me deu o livro.

*Acc.* — Elle me reprehendeu.

O mesmo se dá com os outros pronomes, excepto com o da terceira pessoa, e em que o dativo é expresso por *lhe* e o accusativo por *o* ou *a* :

Deu-*lhe* o livro.

Reprehendeu-*o*.

Ainda aqui convém notar que nos tempos preliminares do periodo classico, no *Palmeirim de Inglaterra*, encontra-se a syntaxe *lhe=o* : *reprehendeu-lhe*. No castelhano tambem *le* e *lo* são equivalentes em varios casos.

**Comparação**—Depois do termo de uma comparação usa-se do pronome nominativo: *Mais serio que eu ; mais vivo que tu.*

A syntaxe franceza adopta o obliquo *moi* em vez de *je*. *Plus agé que moi*. Entre os seiscentistas, como já notámos, não é raro ver identica syntaxe : *mais forte do que tí*. Nos proprios quinhentistas, em Sá de Miranda (ap. Moraes) encontra-se a syntaxe : *Tinha mais experiencia que tí*. (Seculo XVI.)

## II.—ARTIGO

O artigo exerce a funcção de determinativo: *O homem*.

Esta funcção é já um tropo ; a natureza essencial do artigo (*elle*) fal-o-ia empregar como pronome da terceira pessoa relativa. E' o que já se observa no latim barbaro : *vidit illum*. Data do baixo latim.